

Ministério do Turismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro,
Secretaria Municipal de Cultura e Observatório de Favelas apresentam:

MIS TU RAS

GALPÃO BELA MARÉ

CURADORIA
CLARISSA DINIZ
E JEAN CARLOS AZUOS

ARTISTAS

AGRADE CAMÍZ
AGRIPPINA R. MANHATTAN
ARCASI
ARJAN MARTINS
CLAUDIO CAMBRA
DOUGLAS SOARES
ELILSON
GUILHERMINA AUGUSTI
IRMÃS BRASIL
JOTA MOMBAÇA
LUIZ ZERBINI
MULAMBÓ
PÁTFUDYDA
PAULO CÉSAR
PEDRO ÉVORA
RAFAEL BQUEER
RAUL MOURÃO
RDOISÓ
YHURI CRUZ

PARTICIPAÇÃO

MAMBA NEGRA
ALLAN WEBER

07 DE MAIO - 13 DE AGOSTO 2022



Para nós, do Observatório de Favelas, a celebração da primeira década do Galpão Bela Maré é uma chance única – e infelizmente rara, diante de tantos retrocessos e aprofundamentos de violências no Brasil dos últimos anos –, de deleite e celebração de conquistas! Esta é uma exposição que nos emociona pela alegria de termos chegado até aqui, pela expressividade de pessoas e parcerias institucionais envolvidas nessa construção e pelos tantos apontamentos de futuro que ela mobiliza.

Em dezembro de 2011, inauguramos o Galpão Bela Maré e, de lá para cá, a cada nova oportunidade, nos desafiamos a fazer o nosso espaço e sua programação mais atentos e sensíveis ao presente e suas urgências, e esse compromisso nos trouxe até Misturas. Com esta exposição e sua farta programação, comemoramos dez anos e o futuro que está por vir, e cuidamos de visibilizar as pautas, sujeitas/es/os, questões e territórios que acreditamos que devem pautar a próxima década.

Que honra para o Observatório de Favelas, e para mim, pessoalmente, poder compartilhar essa história, este momento e nossa utopia com tantas pessoas e instituições parceiras. Que alegria imensa sentir que o Galpão Bela Maré é um projeto coletivo produzido por muitas mãos, que nossa existência é coletivamente desejada e que há muitos engajamentos e presenças afirmando-a como necessária e urgente!

Registro aqui, com todo o meu carinho, a nossa gratidão. Obrigada a cada pessoa que contribuiu ao longo dessa década, a cada parceria que optou por estar junta! Muito obrigada! Podem contar que, de nossa parte, seguiremos movidas/es/os pela convicção de que as artes podem ser caminho para redução das desigualdades e para o fortalecimento da democracia, partindo de favelas e periferias e suas/seus moradoras/es!

Estamos prontas/es/os para construir os próximos dez anos.

Vamos juntas/es/os?

Isabela Souza - Diretora
Observatório de Favelas

do Turismo, Prefeitura de Cidade
Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura
ório de Favelas apresentam:

MIS TU RAS

MISTURAS

Textual content on the exhibit board, including a list of names and descriptive paragraphs.



BELA + 10

Misturas celebra os dez anos do Galpão Bela Maré. O título da mostra surgiu em um encontro entre o Observatório de Favelas e a Automatica para planejarmos as ações que contam nossa história e apontam para o futuro. Nesse dia, lembramos da primeira vez que entramos no Galpão, uma antiga fábrica de embalagens de papel. As máquinas ainda estavam lá e um mutirão transformou o lugar para receber sua primeira exposição – Travessias, que está na sexta edição. Tínhamos o desejo de criar um centro cultural de excelência na Nova Holanda, que pudesse ser ao mesmo tempo um espaço de formação, criação, produção e difusão artística.

Nasce desse desejo o Galpão Bela Maré, fruto de uma grande mistura: do Observatório de Favelas com a Automatica, em colaboração com artistas, educadores, curadores, designers, montadores, organizações, apoiadores etc. É um espaço experimental e democrático com a proposta de quebrar as hierarquias comuns no ambiente da arte e, ao mesmo tempo, os estigmas e preconceitos das favelas como espaços dominados pela violência, carência e precariedade.

Ao longo desses dez anos de atividades, o Bela passou a fazer parte do circuito cultural do Brasil, e a Maré assumiu uma centralidade no campo da arte e da cultura no país. Conseguimos construir coletivamente um espaço de afetos, partilhas e de novas significações no campo das artes e dos territórios da cidade.

A exposição Misturas conta com a curadoria de Jean Carlos Azuos, que já foi educador, coordenador do educativo e é hoje curador do Galpão; e de Clarissa Diniz, colaboradora que acompanha nosso trabalho desde o início. Seus olhares se juntaram na seleção de um conjunto de pessoas artistas que passaram pela programação do Bela. Nas palavras de Clarissa, “buscamos misturar desde a heterogeneidade. Produ-

zir uma mistura que não gerasse homogeneidade e mesmo assim não insistir na chave da segregação, da distância, da separação. Do ponto de vista estético, buscamos artistas cujas obras não têm necessariamente a ver com a homogeneidade que se vê na arte contemporânea”. Jean fala de Misturas como “a comunhão entre diversos encontros estéticos e de realidades. A mostra evidencia o compromisso do Galpão em lidar com nossas complexidades, afirmações de afetividades”.

Comemoramos dez anos reafirmando a importância dos afetos em nosso trabalho, refletindo sobre que instituição pretendemos ser, e sobre os verbos que queremos conjugar nos próximos anos. Na resenha de abertura de Misturas, Moacir dos Anjos, curador do Travessias 5, trouxe uma bonita reflexão sobre as instituições de arte: elas devem ser fortes, em termos estruturais, em termos das pessoas que trabalham; devem se fortalecer na sua missão, no seu poder de interlocução com os diversos agentes que estão para além dela, nas suas discussões/relações com artistas, curadores, parceiros, fornecedores etc.; se fortalecer na sua capacidade de falar para a sociedade, porque só assim podem se fragilizar frente às necessidades que estão fora dela. Mas, para além de um elogio da força, Moacir nos lembra que uma instituição também deve ser frágil, no sentido de que ela não pode ser rígida para dizer: “Isso aqui não pode, isso aqui não cabe.” Ela tem que ser frágil para ser porosa em relação ao que está além dela, para entender o que está se passando no mundo e tentar estabelecer um diálogo com ele. Trazer para dentro dela e nela fazer as coisas que estão no mundo, conclui Moacir, desejando que o Bela seja forte para ser frágil. Compartilhamos desse desejo, agradecemos e convidamos todes a participarem da construção do futuro forte e frágil do Galpão.

Automatica



MONUMENTO À PRESENÇA



A MARE É CIGANTE

G. JESUS
9



MISTURAS

Dez anos depois, aqui estamos. Ocupamos, permanecemos e nos projetamos neste espaço-tempo feito de encontros, lutas e sonhos. Enquanto o Brasil debate as já centenárias efemérides de 1822 e 1922, aqui e agora exaltamos a primeira década do Galpão Bela Maré, reverenciando a história e a presença de todas as pessoas e instituições que o têm tornado possível.

Não celebramos essa trajetória por considerá-la heroica ou exemplar, mas porque sabemos que festejar é uma forma de seguir transformando. Reunir simbolicamente artistas e obras que permearam os dez anos do Bela é também conjurar o futuro deste território da arte de tantos atravessamentos, invocando sua sobrevivência, ampliação e adensamento.

Para colaborar com esta festa, convocamos as presenças de *Dia de baile* (2021), intervenção de Allan Weber que abriu caminho para a exposição, organizando uma programação com o mais consistente sentido de misturas *por* e *através* de seu “paredão”, instigando e reverberando diferentes corpos, ritmos e sonoridades. Por sua vez, *Híbrida ball* (2022), da House of Mamba Negra, aquece e faz pulsar veementemente, através da cultura *ballroom* e do *voguing*, trânsitos e fluxos que conectam performatividades, instrumentalidades e as materialidades do corpo, não só das performers, como também dos públicos convidados para a *ball* e suas interações com as obras da mostra.

Festejar torna-se crucial quando a necropolítica domina também as instituições e as corporeidades no campo da cultura. Junto à festa, é o próprio deleite da vida que se torna um projeto estético e político. Por isso, como anuncia a história do Bela Maré e igualmente denotam as louças do trabalho de Arcasi (*Mantenha-se viva*, 2019-2022) e as bandeiras de Elilson (*Bando recíproco*, 2018) – intervenção na qual pessoas são convidadas a hastear a

palavra VIVEREMOS enquanto espelham a si mesmas em seus contextos –, ocupar o território da arte pode ser também uma estratégia de sobrevivência.

O modo como a profecia de vida desses artistas se estabelece é, no entanto, quase invisível, discreto, silencioso. Dadas as diminutas letras das bandeiras de Elilson, cuja escala contrasta com a monumental volumetria da cidade, assim como na delicadeza da gravação de talheres e pratos nos quais Arcasi insere uma mensagem que é uma espécie de sussurro ao pé da boca – um pedido que é também uma lembrança acerca do fundamental: não render-se à necropolítica circundante –, essas obras não são brados heroicos pela sobrevivência, senão pequenos pontos de insurgência diante de um cotidiano de ir-restritas violências.

Por isso, enquanto no painel de LED intitulado *Brasil* (2022) Agrippina R. Manhattan mensura e denuncia o genocídio da população trans no país verde-amarelo, outras obras elaboram um pacto coletivo na direção da vida que não é destinado a qualquer corpo, mas àqueles que de alguma forma se avizinham em seus lugares de dissidência, vulnerabilidade ou ancestralidade.

Ao rebaixar suas escalas e murmurar que sobreviverão, se fazem ouvir antes por si mesmos e, reposicionando a lógica da alteridade que, em sua hegemonia eurocentro-nocêntrica, historicamente os excluiu dos lugares de enunciação, produzem um revide da ordem de uma ontologia relacional, como adverte Agrippina R. Manhattan em *Papo reto* (2022): “O que você vê diz mais sobre você”.

Ao fazê-lo, como nos vídeos de Rafael Bqueer (*Lenoir*, 2017) e de Jota Mombaça (*Não há um lugar para nós*, 2020-2021), alguns dos artistas que integram Misturas dão a ver que, quando um corpo destina-

do a morrer *vive*, o contexto ao seu redor se transforma, torcendo as contradições para fazer abundar a vida e sua manutenção. Tal como nos advertem Bqueer e Mombaça através das metáforas da cor e da luz, através dos corpos que, vivos, ocupam e habitam mundos diversos, são cotidianamente fabuladas existências que exigem criticidade e cuidado. É o que nos adverte a pintura de Agrade Camíz (*Sem título*, 2019): NÃO DESLUMBRA.

O não deslumbre e a impregnação de presenças são chaves centrais da resistência *pela e para* a vida que, a partir do mote dos 10 anos do Bela Maré, se afirma em Misturas, que em sua parede ostenta a pintura mural *Monumento à presença* (2018), de Yhuri Cruz, ao passo que, em sua abertura, contou com a cena *O cavalo é o levante (Monumento a Oxalá e aos trabalhadores)*. Nela, pessoas negras oriundas de regiões periféricas do Rio de Janeiro se dirigiram ritualisticamente ao Galpão, onde, juntas, preencheram o monumental opaxorô com pequenas bandeiras brancas enquanto suas vozes e corpos ecoavam e ocupavam o espaço numa espécie de manifesto, de reza.

Na convergência de seu encontro, o que se cruzavam eram os caminhos cotidianos e ancestralmente vividos por todos até ali, performando uma contingencial encruzilhada que sublinha a própria história de acolhimento da Maré: lugar que há mais de um século tem abraçado aquelas pessoas que chegam ao Rio de Janeiro em busca de uma vida não só melhor, como por vezes possível.

A história desse território, formada por vestígios de tantos cruzamentos e passagens no espaço-tempo, é, por sua vez, um dos pilares das obras de Claudio Cambra e de Patfudyda, que reagem às camadas de historicidade que se acumulam – e por vezes se camuflam – abaixo de nossos pés, sedimentando sentidos e abstrações em provocantes interseções, e por suas contaminações imagéticas, como também ocorre nas monotípicas *Piaçavas* (2019), de Luiz Zerbini.

Em *Faça de mim uma gata que sempre questiona* (2021), os cacos de demais resíduos que, coletados na praia da Ilha do Fundão, fabulam uma arqueologia na obra de Cambra, tornam-se palco para uma afrontosa performatividade. Dançando sobre escombros, é o corpo negro e não binário de Patfudyda que se move e salta sobre o terreno movediço e poluído, ostentando uma vida que, na contramão da necropolítica, se mostra insurgente, poderosa e desejosa.

Ao transformar lixo numa arqueologia ficcional, a instalação *A R C H E O* (2022), de Claudio Cambra, ombreia-se, por sua vez, com os objetos meticulosamente elaborados por Paulo César. Enquanto Claudio recolhe refugos para tecer um comentário crítico à própria hierarquização das memórias que perfaz a historicidade, Paulo reúne materiais previstos como descartáveis para torná-los duráveis, quicá permanentes, dada a dimensão ornamental e artística que passam a adquirir.

Neste imaginário de sobrevivência que percorre Misturas, insere-se ainda a pintura de Arjan Martins (*Sem título*, 2014), na qual, sobre uma paisagem árida, com visagens que remetem à violência e ao racismo, tem-se o retrato de uma garota cujo olhar incisivo se torna ambíguo diante de sua gestualidade, tão amedrontada quanto amedrontadora, e que abruptamente nos captura.

Na retratística de Martins, é a história da própria colonialidade brasileira que se defronta com sua fantasmática – algo que, por sua vez, evoca a bandeira de Raul Mourão, que nos lembra que vivemos numa nação não apenas desigual, mas constantemente saqueada e, portanto, historicamente lacunar.

A consciência ética do desafio de continuidade não é apenas da ordem da sustentabilidade do Galpão Bela Maré. É, antes, uma responsabilidade política inscrita nas práticas do Observatório de Favelas, que lhe deu origem e horizonte. Por este mo-



tivo, Misturas é também a reafirmação do engajamento do Galpão e de suas múltiplas parcerias e alianças com o território da Maré, que se estendem à metrópole e suas subjetividades, memórias, corpos, desejos, urgências e além.

Ao convocar e entrecruzar artistas de diferentes gerações, repertórios, geografias e interesses, a exposição confirma a vocação educacional do Bela. Se o Galpão se tornou abrigo de aprendizagem coletiva, Misturas evidencia que o fez não só pela potência dos encontros e diálogos curatoriais. Como dá a ver a vigorosa presença de artistas cuja formação passou por aqui, afirmadas também pela seriedade e abrangência de seus programas artístico-pedagógicos, que reiteram seus compromissos estéticos e políticos.

Na exposição, a maquete *Modelo vivo* (2013-2022), de Pedro Évora, um dos índices desse processo de contínua construção coletiva – posto que há nove anos segue se fazendo e se transformando junto com a vida da própria Maré, que lhe serve de modelo e de horizonte social e político –, foi abraçada pela pintura *site specific* de Robson Pedro, *aka* Rdoisó, na qual surgem paisagens do lugar que não são vistas de cima, mas sentidas por um corpo que percorre, penetra e habita as muitas vielas sugeridas pela geometria aérea de uma maquete viva.

A exposição acolhe também um núcleo de trabalhos que lidam com as várias possibilidades visuais de construções corpóreas, sendo possível reinventar, cocriar outros imaginários, narrativas e leituras de um território corporificado, como provoca a série *Padrão sobre corpo* (2020), de Agrade Camíz, são (n) eles mesmos as territorialidades onde a cidade se repensa e refaz. Enquanto Irmãs Brasil nos colocam opticamente revirados na série *TRANSMORFO* (2020), a dupla-existência que entrelaça metamorfose e transfiguração ao projetar, a partir de seus corpos e conformações, imagens múltiplas.

Douglas Soares, de família mareense, constrói visualmente e roteiriza contos e lendas urbanas da Maré em formato de filme, de modo a colocar sua família a apresentar, através da memória, histórias e ilustrações que conformam os *Contos da Maré* (2015). Nessa mesma direção, Rafa Bqueer dialoga com os cotidianos suburbanos do famoso *Jogo do bicho* (2016) na elaboração de cenas insólitas, nas quais vemos as presenças de animais metaforizados por máscaras em situações e ambientes corriqueiros na vida da favela.

Na série *Desvio* (2020) e na imagem *Escolha* (2018), Guilhermina Augusti insere-se nas disputas e alianças entre diversas formas de vida, explorando diferenças e continuidades entre corpos humanos, não binários, trans, hibridizados ou ciborgues, cujas ambivalentes características refletem o processo de harmonização e outras travestilidades – comentadas, ainda, por questões essencialmente políticas, a exemplo da imagem *Cadê as armas?* (2020).

Clarissa Diniz e Jean Carlos Azuos
Curadores



ARTISTAS



Agrade Camíz

Rio de Janeiro, 1988

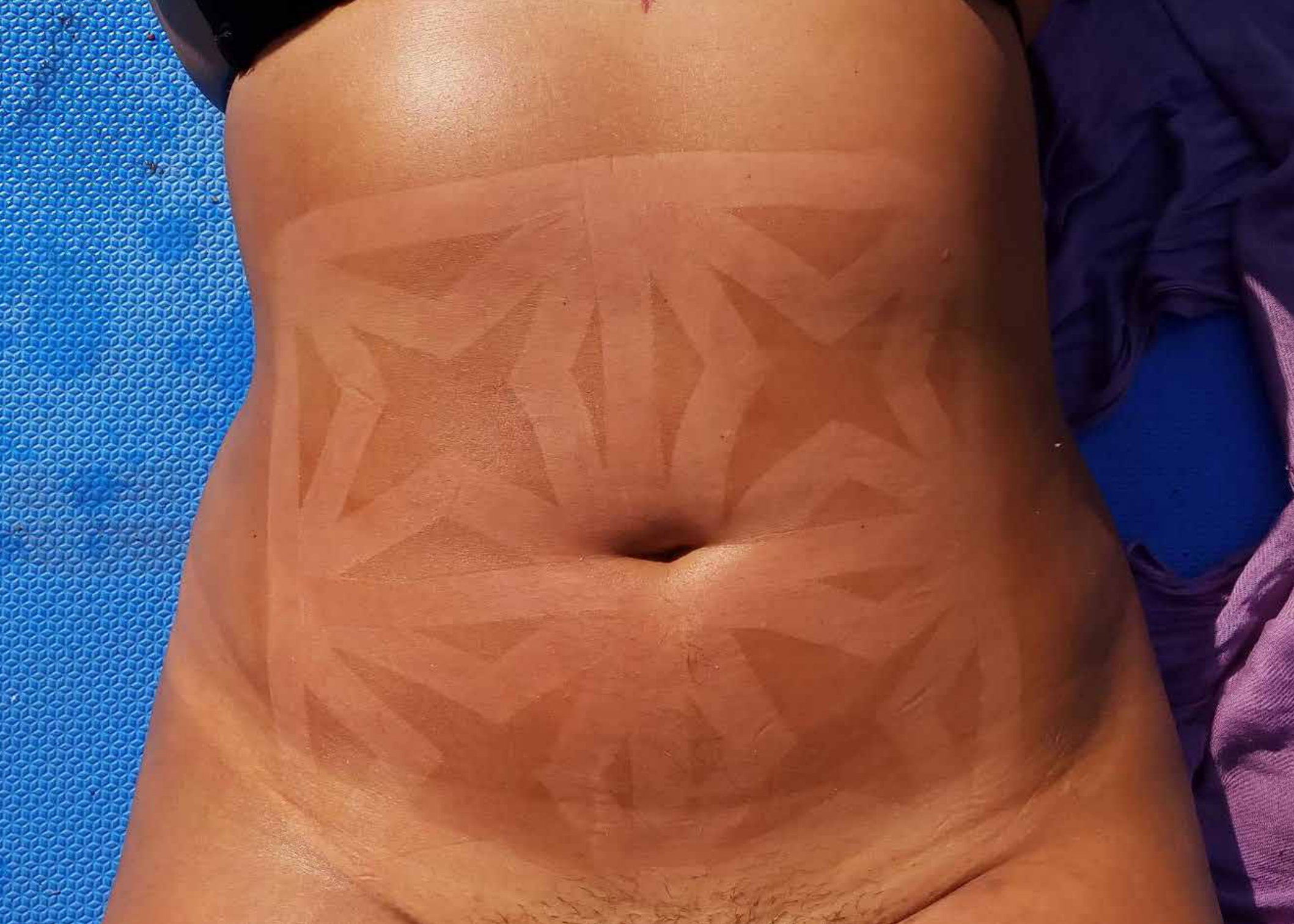
Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Artista multimídia. Articula seus trabalhos usando a estética da arquitetura popular carioca, mesclando questões relacionadas à sexualidade, à beleza e à opressão feminina. Incorpora grades em muitos trabalhos, elemento que remete a imposições e padronizações do comportamento. A artista, além de produzir obras de diversas dimensões que podem ser exibidas em galerias e museus, também possui um trabalho expressivo como grafiteira e muralista em diversos pontos da cidade.

Padrão sobre corpo, 2020
Fotografias digitais

Sem título, 2019
Pintura







Agrippina R. Manhattan

Rio de Janeiro, 1997

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Agrippina R. Manhattan é artista, pesquisadora e travesti. Nasceu e cresceu em São Gonçalo, hoje vive e corre atrás de trabalho no Rio de Janeiro. Seu trabalho é parte de uma profunda preocupação sobre tudo aquilo que restringe a liberdade. A palavra, a norma, a hierarquia, o pensamento. Diz que sente que não é obrigada a nada e isso a realiza. Escolheu seu nome e inventou a si mesma, como escolhe um título para um trabalho ou encontrando a tradução do que sente em poesia. Pensando escultura como poesia, poesia como escultura e tudo como um só e parte dela.

Brasil, 2022

Painel de LED

Páginas seguintes:

Papo reto, 2022

Acrílico espelhado

O QUE VOCÊ VÊ
DIZ MAIS SOBRE
VOCÊ





Arcasi

Belém, 1987

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Arcasi é artista-mãe-educadora-ativista amefricana. Vive no Complexo da Maré, zona norte do Rio de Janeiro. Em seus trabalhos, desenvolve experimentações com poesia, fotografia, instalações e presença.

Estudou História da Arte na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA UFRJ). Participou do Programa de Práticas Artísticas Contemporâneas na Escola de Arte Visuais do Parque Lage (2015) e do Grupo de Acompanhamento em Arte Contemporânea da Rede Nami (2019). Integrou a primeira turma da Escola Livre de Artes da Maré (ELÂ). É idealizadora da Kitnet Galeria e do projeto A Casa como Lugar da Arte (2021). Faz parte da turma Bira Carvalho (2022) da Escola de Fotografia Popular do Programa Imagens do Povo.

Esteve presente em exposições como Novas Poéticas (EBA UFRJ, 2015), Mostra Afroresistências (EBA UFRJ, 2016), Sobre o Papel (Galeria Theodoro Braga, Belém, 2016), Imagens da Metrópole (Rio de Janeiro, 2019), Sobre a Potência da Presença (Museu da República, Rio de Janeiro, 2019), O Nome que a Gente Dá às Coisas (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, 2019), Arte como Trabalho (Rio de Janeiro, 2021), Pertencer e Mudar (Museu da República, Rio de Janeiro, 2022), Misturas (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, 2022) e O Rio Delas (Rio de Janeiro, 2022).

Mantenha-se viva, 2019-2022

Instalação (cerâmicas e talheres de metal com inscrições)





Arjan Martins

Rio de Janeiro, 1960

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Arjan Martins constrói cenas do passado e do presente impregnadas de memórias pessoais e coletivas. Seus anos de formação artística foram marcados pela experimentação de diversas linguagens, da instalação à performance. Foi o desenho, entretanto, sua primeira ferramenta recorrente, com a qual montava e desmontava elementos de um manual de anatomia humana – primeiramente sobre papel e, logo em seguida, sobre paredes e muros. As linhas de seus desenhos associaram-se à grafia de palavras e sinais, e a referência ao interior do corpo deslocou-se para o estudo de cartografias que mapeiam memórias atávicas. A partir de então, Arjan Martins aprofundou sua relação com a prática pictórica.

Suas cartografias e imagens marítimas remetem, invariavelmente, aos fluxos e refluxos da travessia iniciada com a perversa formação do “triângulo do Atlântico”, que alimentou a economia escravagista entre Europa, África e Américas. Arjan Martins coloca em cena, portanto, a diáspora negra da qual ele próprio faz parte, não apenas por suas origens, mas também por buscar oportunidades para viajar aos continentes que compõem essa história.

Sem título, 2014

Acrílica e óleo sobre tela



Claudio Cambra

Rio de Janeiro, 1963

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

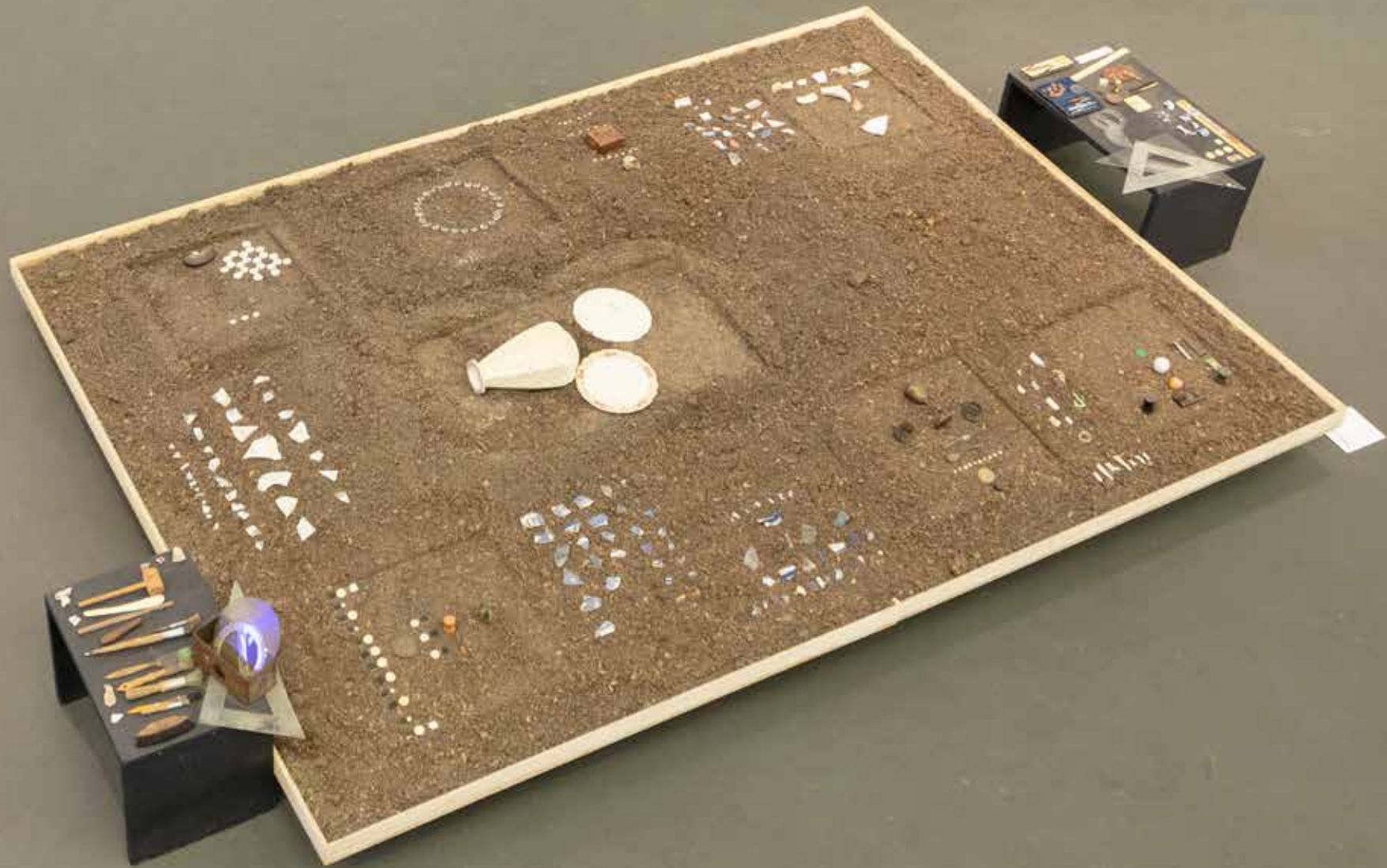
Graduado em Licenciatura em Educação Artística (2002), em Desenho Geométrico (2002) e em Comunicação Visual (1995) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Iniciou os estudos de pintura ainda no começo dos anos 1980, quando passou a frequentar o Centro de Artes Calouste Gulbenkian e, depois, ingressou na Escola de Belas Artes (1986).

Expôs individualmente nos Jardins da Escola de Belas Artes (1991), desenvolvendo uma obra que se aproxima da arqueologia, da memória e da história, constantemente apresentada em mostras solas e coletivas a partir da década de 1990.

A partir de 2002, passa a integrar o Imaginário Periférico, coletivo com o qual realizou inúmeras exposições (a exemplo de Mafuá, a Poética da Miscigenação, no Centro de Artes da UFF, 2004) e ações.

Dentre as várias mostras das quais participou, destacam-se: O Tempo das Coisas (Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, 2022), MetrÓpole Transcultural (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, 2019), Migrações. Periférico (Petrópolis, 2006), Show de Bola (Praia das Pedrinhas, São Gonçalo, 2006) e Bandeiras do Brasil (Museu da República, Rio de Janeiro, 2003).

ARCH E O, 2022
Instalação





Douglas Soares

Rio de Janeiro, 1984

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

É roteirista formado em Direção Cinematográfica. Na TV, é produtor de conteúdo na Rede Globo e foi corroteirista dos 46 episódios de *Noturnas*, série LGBTQIA+ exibida no Canal Brasil. No cinema, é autor dos longas-metragens *Papagaios*, em desenvolvimento no núcleo de novos autores da Glaz Entretenimento; *Mais do que eu possa me reconhecer*, vencedor do Prêmio Aurora da 18ª Mostra de Cinema de Tiradentes; e *Xale*, que teve estreia na Mostra Novos Rumos do Festival do Rio 2016. Também produziu diversos curtas-metragens, entre eles *A alma das coisas* (WIP), *O clube* (2014), *Com vista para o céu* (2011), *Depois das nove* (2008) e *Minha tia, meu primo* (2008), e recebeu os prêmios de melhor roteiro para as obras *Inocentes* (2017), *Contos da Maré* (2013) e *A dama do Peixoto* (2011). Nas suas obras documentais, busca retratar histórias e personagens que fazem parte de seu cotidiano. Em *Contos da Maré*, seu filme mais representativo desse caminho artístico, retrata a formação do Complexo da Maré através de lendas que cresceu ouvindo de seus familiares, todos moradores do Morro do Timbau até hoje.

Contos da Maré, 2015

Vídeo, 17'36''





Elilson

Recife, 1991

Vive e trabalha entre São Paulo e Rio de Janeiro.

Elilson é artista, pesquisador e professor. Doutorando em Artes Visuais na Universidade de São Paulo (USP), é mestre em Artes da Cena pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e graduado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Experimenta principalmente com performance, escrita e instalação.

Suas publicações incluem dois livros: *Por uma mobilidade performativa* (Editora Temporária, 2017) e *Mobilidade [inter] urbana-performativa* (via Rumos Itaú, 2019). Participou de residências no R.A.R.O. (Buenos Aires) e na FAAP (São Paulo). Recebeu em 2018 os prêmios EDP nas Artes do Instituto Tomie Ohtake e o Rumos Itaú Cultural. Entre as exposições, participou da 30ª Edição do Programa de Exposições do CCSP com a individual Movimento, Polisêmico.

Bando recíproco, 2018

Carrinho (espelho, MDF, madeira, ferro, rodízios fixos e giratórios, tecidos e PVC)

MONUMENTO À PRESENÇA



Guilhermina Augusti

São Paulo, 1996

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.



Guilhermina Augusti é artista plástica, desenvolvendo trabalhos que têm como processo de pesquisa, criação, execução e registro eixos que passam pelo corpo físico e o corpo dos objetos integrados às questões da natureza, da cidade, da simbologia e fabulações ficcionais através da geometria/física que visam alocar a questão racial e de gênero como útil. Essas interações são traduzidas sobretudo pelas mídias digitais com fotografia, pinturas e escritas, não fazendo separação binária entre teoria e prática, e atribuindo a essas análises uma leitura das materialidades e da história que considerem na sua própria análise dispositivos discursivos que carregam questões que se deslocam não para uma parte, mas para toda extensão do trabalho.

É graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com capacitação em Mídias Digitais e Audiovisual pela Darcy Ribeiro, tendo passado por residências como Galpão Bela Maré (2019), MAM + Capacete (2020) e EAV Parque Laje, Pedra e Ar (2021), que integram sua formação. Participou de exposições como o 31º CCSP (2021) e Galpão Bela Maré (2022), e foi a quinta artista a hastear uma bandeira nos pilotis do Museu de Arte do Rio (2022), intitulada ATRAVECAR - ESCURECER.

Desvioum, 2020
Arte digital

Desviadois, 2020
Arte digital

Desviotres, 2020
Arte digital

CadêasArmas, 2020
Arte digital

Páginas seguintes:
Escolha, 2018
Arte digital

Sem Título, 2020
Arte digital

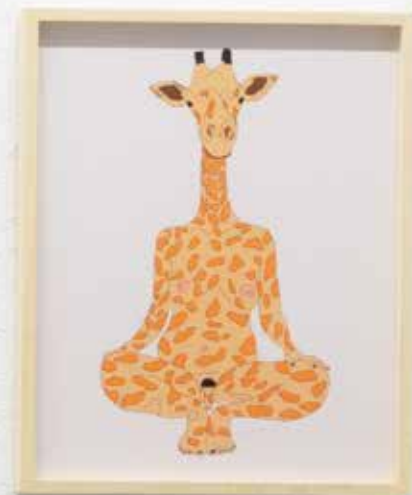
Sem Título, 2020
Arte digital



Guilherme Augusti



Guilherme Augusti



Guilherme Augusti

Irmãs Brasil

Amparo, 1994

Vivem e trabalham no Rio de Janeiro e São Paulo.

Irmãs Brasil é uma dupla existência de artistas travestis formada por Viní Ventania Xtravaganza e Vitória Jovem Xtravaganza. Nascidas em uma família de peões de rodeio em Amparo, foram criadas no ambiente machista do interior de São Paulo. As primeiras referências artísticas vieram da família: o pai, palhaço de rodeio; a mãe, rainha de bateria. O trabalho artístico da dupla coloca em choque as linguagens da dança, do teatro e da performance com operações de imagens e signos para criar desvios nas tecnologias heteronormativas e coloniais.

Buscam criar um estado constante de acidentes, escuta e relações em rituais de preparação da carne que dão acesso ao sobrenatural. Partem da necessidade de escaparem vivas, bem como de presentificar fantasmas e arrebatamentos.

Indicadas ao prêmio PIPA 2020, o trabalho que desenvolvem aponta questões urgentes à sobrevivência de corpos dissidentes.

Seus trabalhos estiveram presentes em exposições coletivas como ELÃ – O Nome que a Gente Dá às Coisas, no Galpão Bela Maré, e Estado de Graça, na Galeria Pence, ambas no Rio de Janeiro, entre 2019 e 2020.

Contempladas pelo Prêmio Funarj de curta-metragem 2020 Lab Curta, e em parceria com a produtora Filmes do Fauno, gravaram durante a pandemia o curta-metragem e o longa Irmãs Brasil. O curta teve sua estreia na mostra do edital e em breve o longa será lançado.

A performance *A Santa Ceia* foi ativada na 34ª Bienal de São Paulo em 2021 e, em agosto de 2022, terá sua ativação realizada na exposição Flávio de Carvalho no Sesc Pompeia.

Eunucos, a primeira peça de performance da dupla, integra a programação do FIT – Festival Internacional de Teatro de Rio Preto em julho de 2022.

As Irmãs Brasil seguem em cartaz com a peça *Sem palavras*, da Companhia Brasileira de Teatro, que já realizou uma turnê por Dijon e Metz (na França), em Frankfurt (Alemanha) e junho/julho de 2022 chega ao Itaú Cultural da Avenida Paulista. A peça segue para Brasília e em temporada por outras capitais do Brasil.

Série TRANSMORFO, 2020
Impressão fotográfica

Fotografia e retouch:
Frederico Favó @fredericofavo

Performers:
@travasbrasil
@vitoriaxtravaganza
@viniventania







Jota Mombaça

Natal, 1991

Vive e trabalha entre Lisboa (Portugal)
e Amsterdã (Holanda).

Jota Mombaça é uma artista e escritora indisciplinar cujo trabalho deriva de poesia, teoria crítica e performance. Sua prática está relacionada à crítica anticolonial e à desobediência de gênero. Através da performance, da ficção visionária e de estratégias situacionais de produção de conhecimento, pretende ensaiar o fim do mundo tal como o conhecemos e a figuração do que vem depois de desalojarmos o sujeito colonial-moderno de seu pódio. Já apresentou trabalhos em diversos contextos institucionais, como as 32ª e 34ª Bienal de São Paulo, 10ª Bienal de Berlim, 22ª Bienal de Sydney e 46ª Salão Nacional de Artistas da Colômbia. É autora do livro *Não vão nos matar agora*, publicado em Portugal em 2019 pela EGEAC e no Brasil em 2021 pela Editora Cobogó.

Não há um lugar para nós, 2020-21
Vídeo, 33'34"





Luiz Zerbini

São Paulo, 1959

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Zerbini usa uma paleta rica e luminosa em uma variedade de assuntos diferentes, desde paisagens naturais, urbanas e cenas domésticas até aquelas com uma intenção mais obscura ou até abstrata. Ao justapor estilos e técnicas, padrões orgânicos e geométricos, campos de luz e sombra, ele cria efeitos ópticos que convidam à contemplação. É um artista que multiplica constantemente as possibilidades formais relacionadas à sua pintura e rejeita qualquer potencial estagnação da fórmula estabelecida, dificultando a definição de qualquer linearidade em sua produção.

Membro da chamada Geração 80, que voltou a promover a pintura como meio principal, muitos de seus primeiros trabalhos são pinturas. Desde então, tem trabalhado com escultura, vídeo, desenho e fotografia.

Zerbini desenvolveu uma forte relação com a floresta amazônica nos últimos anos, pois visitou a região algumas vezes, incluindo uma comunidade indígena no Parque Nacional do Xingu (2014). Essa relação influenciou o vocabulário de sua pintura e o início da produção de monotípias (2016).

Ele também faz parte do renomado grupo Chelpa Ferro, participante da 20ª Bienal de São Paulo.

Piaçava 2, 2019

Monotípias / óleo sobre papel de algodão
Hahnemühle

Piaçava 3, 2019

Monotípias / óleo sobre papel de algodão
Hahnemühle

Piaçava 4, 2019

Monotípias / óleo sobre papel de algodão
Hahnemühle





Mulambö

Saquarema, Rio de Janeiro, 1995
Vive e trabalha em São Gonçalo,
Rio de Janeiro.

Trabalha a partir da restituição de potências, buscando a valorização de símbolos do existir suburbano no Rio de Janeiro. Explora pintura, objetos e a internet como plataforma de trabalho e, assim, faz arte para afirmar que não tem museu no mundo como a casa da nossa avó.

Gigante, 2019
Bandeira

A MARÉ

A MARÉ É GIGANTE

Ministério do Turismo, Prefeitura do Município de Galpão Bela Mãe, Secretaria Municipal de Cultura e Conservação do Patrimônio

MIS TU RAS

GRUPO
CLÁudia DINEI
JEAN CARLOS GONZ

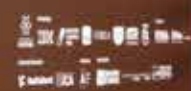
ARTISTA
AGUDEZINHA
ADRIANA E ANASTASIA
ANDRÉ
ANDRÉ MARINHO
CLAUDIO CAVESIA
DORIVAL SOARES
ELSON
GALPÃO BELA MÃE
IMAGINÁRIO
JIZA VONÇA
LIZ ZEBER
MILMO
MURIEL
PEDRO César
PEDRO César
SARAI SOARES
DALL MOURÃO
RODO
WELBY CRUZ

NACIONAL
MARIANEIRA
ALLAN WEBER

10 de maio
a 6 de agosto 2022

Terça a sábado
das 10h às 18h

GALPÃO BELA MÃE



MIS





Patfudyda

Rio de Janeiro, 1993

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Artista da dança, coreógrafo, performer e artista visual.

Formado pela Escola Livre de Artes da Maré (ELÂ) e Escola de Artes Visuais do Parque Lage, graduando em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Constrói estratégias e coreografa ações para escapar das representações. Através de práticas indisciplinadas, suas criações provocam acidentes entre as linguagens na dança, do teatro, da performance e das artes visuais. Seu trabalho é também uma obsessão em adentrar camadas do invisível, habitando as fragilidades. Movida pelos desafios de tensionar o presente, desde 2017 tem apresentado seus trabalhos em galerias de arte, festivais nacionais e internacionais como Tanya Bonakdar Gallery (NY), Festival Panorama, ArtRio, Lateral Roma, HOA ART, Artfizz e Galeria Jacqueline Martins. Entre seus trabalhos mais recentes, destacam-se a trilogia *Repertório*, em parceria com o artista Davi Pontes, que esteve na Mostra VERBO da Galeria Vermelho, Valongo Festival Internacional da Imagem, Anita Schwartz Galeria de Arte e Frestas – Trienal de Artes 2020/21. Dirigiu o filme *Delirar o racial*, em parceria com o artista Davi Pontes, obra comissionada pelo Programa Pivô Satélite, 2021.

Faça de mim uma gata que sempre questiona, 2021

Videoperformance, 8'44"





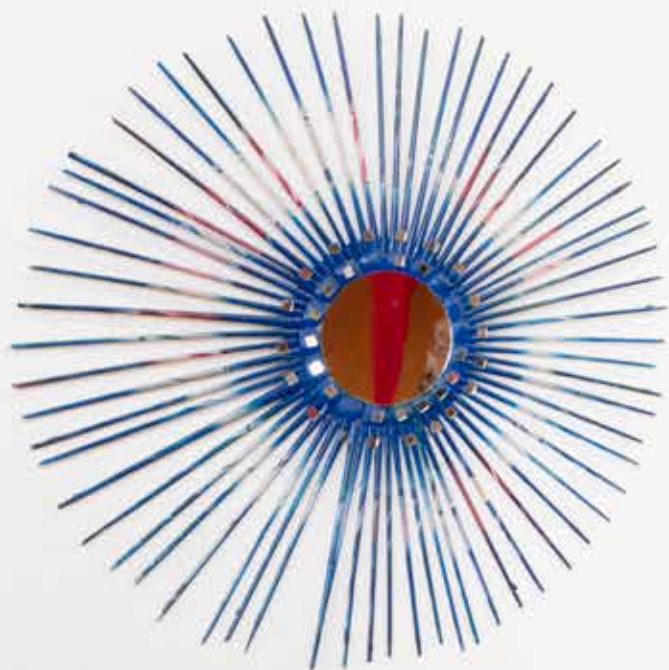
Paulo César

Rio de Janeiro, 1964

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Sua trajetória começou em 2010. Olhando para CDs usados, teve a ideia de criar algo a partir desse material. Assim surgiram vários troféus de CD e madeira que foram sendo mostrados e vendidos nas ruas. Vendendo nas ruas, o artista aprendeu outras artes que desenvolve nas horas vagas. Ele trabalha na Refinaria de Manguinhos dia sim, dia não, e seu sonho é ensinar crianças e adultos.

Sem título, 2021-2022
Objetos, técnica mista





Pedro Évora

Rio de Janeiro, 1978

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Pedro Évora é arquiteto e urbanista, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB UFRJ) e professor pela PUC-Rio desde 2011.

É titular do Atelier Évora Arquitetura e sócio da colaboração Rua Arquitetos. Nas últimas décadas, seu trabalho em arquitetura, urbanismo, arte e cenografia obteve destaques e foi exposto no MoMA (NY), MAK (Viena), Carnegie Museum of Art, Trienal de Lisboa e Bienais de Veneza, de São Paulo e Chicago. Indicado duas vezes ao Prêmio Mies Van der Rohe, foi vencedor do concurso nacional IAB para a Sede do Clube de Golfe Olímpico Rio 2016. Projetou as galerias Carpintaria, Babilônia 1500, o Galpão Bela Maré, a Casa do Jongu da Serpinha, a ArtRio e a Vila Portugal, no Jockey Club do Rio. Integrou a missão brasileira para implantação de instalações de emergência no Haiti e codirigiu o documentário *O Porto do Rio*.

Junto a Alfredo Britto, foi curador das três exposições de arquitetura brasileira na Bélgica: Lina Bo Bardi, Paulo Mendes da Rocha e a Construção de Brasília. Entre 2017 e 2019, foi assessor de projetos da Secretaria de Urbanismo do Rio de Janeiro.

Modelo vivo
Maré, 2013-2022

O trabalho Modelo vivo da Maré discute a evolução urbana e convida para novos olhares sobre os espaços da cidade. Feito com tijolinhos de madeira sobre base modular, é ampliado progressivamente, assumindo nova forma a cada exposição. Teve início em 2013, medindo 5 m², e hoje possui cerca de 75 m², percorrendo quase todo o bairro da Maré.

Montado nas edições 2, 3, 4 e 5 da exposição Travessias e em oficinas de arquitetura com a colaboração de jovens estudantes, foi apresentado na X Bienal de Arquitetura de São Paulo, na 1ª Bienal de Chicago, no Carnegie Museum de Pittsburgh e na Trienal de Lisboa.

O Modelo vivo representa a cidade do Rio de Janeiro a partir da Nova Holanda.

Montagens:

Travessias 2, 2013
Colaboração: Roberio Catelani

X Bienal de Arquitetura
de São Paulo, 2013
Colaboração: Isabel Barboni

Travessias 3, 2014
Colaboração: Fabiano Pires
e Mariana Albuquerque

Travessias 4, 2015
Colaboração: Fabiano Pires
e Thomaz Whately

Bienal de Chicago, 2015
Colaboração: Pedro Rivera, Fabiano Pires
e Olívia Vigneron

Carnegie Museum
de Pittsburgh, 2016
Colaboração: Pedro Rivera e Olívia Vigneron

Travessias 5, 2017
Colaboração: Fabiano Pires

Trienal de Lisboa, 2017
Colaboração: Olívia Vigneron

Misturas, 2022
Colaboração: Fabiano Pires



Participantes:

Afonso Botelho, Alana de C. Pacheco, Ambre Doussain, Ana Nêda Melo, Antía Fernández, Bhener Luis de Carvalho, Caroline Entrielli, Catalina Crisóstomo, David Mendonça, Dhoy Assumpção, Edith Medeiros, Ellen Nascimento Silva, Felipe Machado, Gabriel Mesquita, Gabriella Bicalho, Gleicy Pereira, Guilherme Erthal, Isabel Sousa, Isabela Cavallero, Isabela Couto, Jessica Lage da Silva, Joana Muzy Lopes, Jorge Lucas, Juliana Biancardini, Juliana de Oliveira Estevo, Júlio da Silva, Kamissy Poletto, Kelly Regis, Larissa Ling, Lidia Haddad, Letícia Gomes da Silva, Luana Pereira Rocha Balthazar, Lucas Keller, Luisa Teixeira, Marcella Fernandes, Marcelo Cardia, Marco Aurélio B. Cunha, Mariana Periauld, Mariana Pimentel Pires, Mariana Sales, Marina Boaretto, Matheus Lima, Naiara Yumiko, Natasha Ferraiolo, Natasha Silveira, Nathalia Nascimento, Nathalia Paula Arruda de Meireles, Nathália Possamai, Nicolle Alves C. B. do Prado, Olivia Vigneron, Patrícia Brandão de Souza, Paula Maggi, Rafaela Senceite, Raizza Talon, Raquel Zapff, Ravisia S. Avelar Neves, Renan Roque, Rita D' Aguilhar, Suellen Cunha Lima Neves, Suka Neves, Thaínes Marti, Thomaz Whately, Tiago Coutinho, Victor Huggo de Amorim Xavier, Vítor Kibaltchich Coelho, Vinícius Medeiros, Vivian Dias Gerheim Santos, Yana Inoue, Yrvin Gomes Duarte.

Apoio:

Automatica, Observatório de Favelas, Rua Arquitetos, LAMO FAU-UFRJ.



Rafael Bqueer

Belém, 1992

Vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Rafael Bqueer trabalha com múltiplas plataformas como fotografia, vídeo e performance. Investiga o impacto do colonialismo e da globalização por meio de ícones da cultura de massa, recontextualizando as complexidades sociais, raciais e políticas do Brasil. Combinando ações com montagens que cruzam sua memória com a infância, a obra de Bqueer aborda a questão do racismo, trazendo suas experiências com os desfiles das escolas de samba, arte drag e a cultura de massa das periferias para questionar os símbolos eurocêntricos de poder, bem como a ausência de narrativas afro-brasileiras e LGBTQIA+ na arte-educação e em instituições de arte.

Participou de exposições nacionais e internacionais, destacando-se *Against, Again: Art Under Attack in Brazil* (Nova York, 2020) e a individual *UóHol* (Museu de Arte do Rio, 2020). Artista premiadx na 8ª Edição da Bolsa de Fotografia da revista *ZUM*, do Instituto Moreira Salles (2020) e na 7ª edição do Prêmio FOCO Art Rio (2019). Participou da 6ª edição do Prêmio EDP nas Artes do Instituto Tomie Ohtake (2018) e da 30ª edição do Programa de Exposições Centro Cultural São Paulo (CCSP, 2020). Suas obras fazem parte das coleções do Museu de Arte do Rio (MAR), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM) e Museu do Estado do Pará (MEP).
Jogo do bicho, 2016

Registro: Lorena Pazzanese

Páginas seguintes:

Lenoir, 2017

Registro: Anderson Felix



Avenida Henrique Dumont





Raul Mourão

Rio de Janeiro, 1967

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, Raul Mourão é reconhecido por sua produção multimídia, composta por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances, na qual se destaca seu olhar sempre permeado pelo senso de humor crítico sobre o espaço urbano. Inspirado pela paisagem metropolitana (inicialmente a carioca), o artista cria a partir de observações do cotidiano, desenvolvendo propostas que transitam entre o documental e a ficção. Suas obras, constituídas por materiais diversos que ressignificam os elementos visuais da cidade, estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Mourão iniciou sua produção artística na segunda metade da década de 1980, participando de exposições a partir de 1991. Realizou, em 1989, os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série *Grades*. A partir dos anos 2000, essa pesquisa foi desdobrada e resultou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências utilizadas para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece, por meio dessas obras, uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.

The New Brazilian Flag #1, 2019
Bandeira



MONUMENTO À PRESENÇA





Rdoisó

Rio de Janeiro, 1991

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Grafitreiro (integrante do grupo de hip-hop Atari Funkerz), artista plástico e pintor de arte cenográfica.

Sua pintura é desenvolvida a partir de suas referências visuais como morador da Maré em um misto com sua vivência na cultura hip-hop, tendo como base a arte caligráfica clássica do grafite do início da cena das décadas de 1960 e 1970, considerada pelo artista um importante marco na arte contemporânea. Rdoisó geralmente lança mão de seus personagens em cenas do cotidiano em uma simbiose com a arquitetura da favela em seus corpos, uma construção que reflete sobre histórias/memórias, pertencimento e a moradia na construção do indivíduo.

Principais exposições e eventos: Exposição Galeria Despina (2014), Galeria Providência (2017), Painel Museu da Maré (2017), Pintura Caps Fernando Diniz (2019), Arte na Rua Rede Globo (2020) e Projeto Qr Culture (2020).

'Pós invisível', 2022
Spray e tinta látex





Yhuri Cruz

Rio de Janeiro, 1991

Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Artista visual, escritor e dramaturgo.

Desenvolve sua prática artística e literária a partir de criações textuais que envolvem ficções, proposições performativas – que o artista chama de cenas – e instalativas em diálogo com sistemas de poder, crítica institucional, relações de opressão, encenações de cura, resgates subjetivos e violências sociais reprimidas. Yhuri Cruz utiliza aspectos da memória coletiva e individual, compreendendo a categoria de memória ligada aos sustos e assombrações íntimas, como fantasmas que atravessam o tempo e o espaço e constroem as formas canônicas e dissidentes de subjetividades e de sociabilidades. Suas produções plásticas e performativas mais recentes tendem a se relacionar com monumentos, fabulações, performatividade das palavras e esculturas em pedra.

Cruz foi indicado ao Prêmio PIPA em 2019 e, no mesmo ano, realizou Pretofagia, sua primeira individual no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro. Pretofagia é também o nome de sua pesquisa principal em dramaturgia e o nome do grupo de encenação com que vem trabalhando desde 2019, contando com mais de dez pretofágicos até o momento.

Monumento à presença

(da série Afrescos-monumentos), 2018

Pintura mural

O cavalo é o levante (Monumento a Oxalá e aos trabalhadorxs), 2019

Performance, instalação e distribuição de canjica

MONUMENTO À PRESENÇA





Allan Weber

Rio de Janeiro, 1992

Vive e trabalha no Rio de Janeiro

Artista autodidata, largou a escola aos 16 anos. Em seu trabalho procura mostrar um pouco da sua realidade, criando narrativas através das vivências cotidianas dentro da comunidade e de seu trabalho como entregador de lanches. São fotografias, objetos e ações que questionam e tencionam sua relação com elementos de uma classe social marginalizada e discriminada por sua cultura e comportamento.

Em 2021, fundou a Galeria 5bocas, situada em Brás de Pina, expandindo seu trabalho para além da fotografia e dos objetos ao experimentar uma intervenção social articulada a coletivos e colaboradores diversos, promovendo trocas e aprendizados mútuos entre os moradores da comunidade e de outras partes do Rio de Janeiro.

Entre as exposições que participou, estão: Abre Alas T7, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, 2022; Saravá, Galeria Anita Schwartz, Rio de Janeiro, 2021/2022; Rebu, Parque Lage, Rio de Janeiro, 2021; ReelyFilmClub, Dobe-doGallery, Londres, 2021; A gente precisa se ver pra acreditar que é possível, Galeria 5bocas, Rio de Janeiro, 2021; Existe uma vida inteira que tu não conhece, Dizimo A Noiva, Rio de Janeiro, 2020;

Dia de baile, 2022





House of Mamba Negra

House of Mamba Negra é um coletivo interstadual nascido em 2019, atuante principalmente no Distrito Federal, Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro. Organiza-se a partir dos princípios da comunidade Ballroom – cuja origem data de meados dos anos 1970 na cidade de Nova York – e baseia suas ações em práticas de performance, competições e estruturas de apoio social para pessoas LGBTQIA+.

A diversidade de integrantes reúne um conjunto de profissionais com interesses de pesquisa e formação em áreas como artes visuais, performance, cinema, música e produção cultural, proporcionando formas de articular estratégias para o exercício do corpo como potência de criação, colocando sob suspeita a segurança das coreografias sociais e garantindo um ambiente de sobrevivência e continuidade para suas narrativas.

Híbrida ball, 2022



M

U

EDUCATIVO

CONVOCATÓRIA À PRESENÇA

Em suas múltiplas possibilidades de percursos e olhares, o programa educativo da exposição Misturas apresenta uma estratégia de ativação a partir da afirmação de um tempo não linear que compõe os dez anos do Galpão Bela Maré. Tendo a celebração como ponto de partida, apresentamos para os públicos um movimento de retomada em nosso espaço físico que tem como narrativa principal a nossa trajetória, e que se entrelaça entre tantas outras, formando uma teia de trocas e construções de uma história da mediação em arte contemporânea que nasce na correnteza contra-hegemônica.

A partir do uso dos recursos das metodologias ativas, nos encontramos com a poética da exposição por meio da investigação da memória que agrega corpos, subjetividades e pluralidades, resultando em uma série de ações de incentivo à leitura, circulação territorial, fruição, formação e trocas, que dá sentido à convocatória à presença por meio das artes e suas conformidades. Ao longo desses meses, a equipe educativa abriu uma importante frente de mediação focada em acessibilidade e buscou agregar aos processos criativos ações que convidam ao diálogo entre a exposição e o cotidiano do território e dos públicos, que notadamente trazem questões que conectam a arte contemporânea aos gêneros, raça, diversidade e territorialidades. Entre as atividades de mediação, o programa desenvolveu ações em diversos eixos, sendo:

Visitas Mediadas

A partir da perspectiva curatorial, a equipe do educativo propôs uma aproximação com as obras por meio de um percurso de trocas de narrativas. Com o objetivo de aproximar territórios diversos, oferecemos transporte para grupos agendados.





Ações Poéticas

Encontros de ações práticas para públicos diversos, com oficinas de criação e reflexão acerca dos processos curatoriais e possibilidades de criações a partir da reflexão do sentido e da forma dos trabalhos.

Oficinas de Férias

Em diálogo com a exposição, durante o recesso escolar, apresentamos cinco dias de atividades para o público infantil, que refletiu sobre o meio ambiente e as formas de uso e reuso dos objetos ao nosso redor.



CineBela

Um cineclube pensado para ser um espaço coletivo em que é possível assistir a filmes e conversar sobre eles. Em diálogo com a exposição, foram realizadas sessões especiais com debates sobre os filmes e as obras e artistas presentes na mostra.



Leitura Indica

Com o objetivo de apresentar autoras/es, publicações e profissionais da literatura para discutir pautas relevantes e estimular a leitura através do convite ao uso do nosso espaço, em nossas redes sociais apresentamos obras de nosso acervo que vão ao encontro do processo curatorial e das poéticas presentes nos trabalhos expostos. Essas atividades contaram com tradução em libras e legendas.

Leitura Contação

Apresentando narrativas que incentivam a leitura através dos diálogos com as propostas do Galpão Bela Maré, as contações de histórias apresentaram possibilidades de cruzamentos entre os trabalhos e questões que fazem parte da história e da memória dos nossos públicos. Essas atividades contaram com tradução em libras.

Leitura Convida

Neste espaço, convidamos autoras/es para apresentar seus trabalhos e, a partir deles, discutir pautas relevantes para a nossa sociedade. Conversamos acerca das suas obras, criando vínculo com a exposição e a celebração da escrita e do compartilhamento. Essas atividades contaram com tradução em libras.

Bela em Movimento

Interagindo com outros espaços de arte, educação e cultura, propomos partilhas entre territórios a partir de ações que refletiram sobre a exposição, convidando as/os participantes a se juntar conosco para a celebração à presença.





Encontro entre Multiplicadores

Um espaço de troca endereçado a educadoras/es, mediadoras/es, pesquisadoras/es, professoras/es e público em geral, que durante a exposição Misturas refletiu e debateu acerca da história da educação do Galpão Bela Maré e das possibilidades das mediações que tenham como foco a valorização e a salvaguarda da memória por meio da construção de narrativas coletivas. Essa atividade contou com tradução em libras.



Convocar à presença é um movimento de salvaguarda da memória de um tempo que respeita as ancestralidades e posteridades. Em Misturas, o programa educativo festeja nossa história através de narrativas plurais, que são carregadas de afetos, abraços e afagos, o que dá sentido à missão institucional do Galpão Bela Maré e do Observatório de Favelas, que têm como foco principal o direito à vida e tudo que nela se engendra.

Anna Luisa Oliveira

MISTURAS

Artistas

Agrade Camíz
Agrippina R. Manhattan
Arcasi
Arjan Martins
Claudio Cambra
Douglas Soares
Elilson
Guilhermina Augusti
Irmãs Brasil
Jota Mombaça
Luiz Zerbini
Mulambö
Patfudyda
Paulo César
Pedro Évora
Rafael Bqueer
Raul Mourão
Rdoisó
Yhuri Cruz

Participação

Mamba Negra
Allan Weber

Curadoria

Clarissa Diniz e Jean Carlos Azuos

Exposição

Produção

Automática

Luiza Mello
Marisa S. Mello
Mariana Schincariol Mello
Julia Rebello

Assistentes de Produção

Lucas Alberto
Ayla Gomes
Amauri de Souza

Arquitetura

Grua
Caio Calafate
Pedro Varella
Fabiano Pires

Design Gráfico

Renato Cafuzo

Fotografia

Gabi Carrera
Ramon Vellasco - Observatório de Favelas
Rômulo Amorim - Observatório de Favelas

Revisão

Duda Costa

Cenotécnica

B. Larte Soluções Técnicas
Elizeu Paiva de Melo

Iluminação

BeLigth
Samuel Betts

Montagem

Fabio Martins
Kazuhiro Bedim
Marcus Rodrigues

Tour 360°

VILD STUDIO

Vídeos

Samuel Fortunato

Galpão Bela Maré

Direção

Observatório de Favelas
Elionalva Sousa Silva
Isabela Souza
Raquel Willadino

Parceria

Automática

Coordenação

Gilson Plano

Curadoria

Jean Carlos Azuos

Produção

Breno Chagas

Programa Educativo

Coordenação

Anna Luisa Oliveira

Educadoras

Stephane Marçal
Ivani Figueiredo
Ana V.
Wesley Ribeiro

Zeladoria e Limpeza

Rogério Guedes de Andrade
Marcia da Silva Pereira

Comunicação

Coordenação

Priscila Rodrigues

Comunicador

Romulo Amorim

Assessoria de Imprensa

Renata Oliveira

Assessora de Comunicação

Thais Barros

Designer

Kaléu Menezes

Gestão

Administrativo-Financeira
Sarah Horsth

Rua Bittencourt Sampaio, 169
Maré, Rio de Janeiro - RJ
Entre as passarelas 9 e 10 da Av. Brasil
@galpaobelamare
belamare@observatoriodefavelas.org.br

M



PATROCÍNIO:

IBM

**INSTITUTO
CULTURAL
VALE**

Itaú

CYRELA

Colgate

MR
MINERAÇÃO

smart
fit

FOMENTO:

FOÇA

Rio
PREFEITURA

CULTURA

APOIO INSTITUCIONAL:

ItaúCultural

JCA

PARCERIA:

A
Auto
MAIS
IA

REALIZAÇÃO:

**OBSEVATÓRIO
DE FAVELAS**

SECRETARIA ESPECIAL DA MINISTÉRIO DO
CULTURA TURISMO